

## RESUMOS

### A Revelação das Plantas. Garcia da Orta, Carolus Clusius e as Espécies Asiáticas na Europa

Sabendo que a descoberta da Natureza é uma característica do mundo moderno, pretendemos aflorar o processo pelo qual a Europa do século XVI chegou ao conhecimento do mundo natural asiático. Que a viagem inaugural do caminho marítimo para a Índia significou uma viragem na apreensão e conhecimentos sobre o mundo é um dado adquirido. Mas o que se sabia concretamente sobre a flora e a matéria médica destas regiões? Que dados existiam, que viajantes contribuíram com o seu saber e as suas descrições para uma nova imagem do mundo natural do Oriente? Em 1563, o médico e botânico Garcia da Orta publica os *Colóquios dos simples e drogas da Índia* em Goa. Um ano depois Carolus Clusius, um famoso botânico flamengo, adquire esta obra em Lisboa e, em 1567, edita uma versão latina, a que outras se seguirão. Após estas publicações, o nome de Orta não vai deixar de se fazer ouvir. O prestimoso valor da sua obra está testemunhado em inúmeras referências e menções. Viajantes, médicos, droguitas e letrados seguem a *Aromatum et simplicium aliquod medicamentorum apud indos nascentium historia*, reconhecendo-a como um inestimável contributo para o conhecimento da botânica e da matéria médica orientais. O trabalho de Orta e de Clusius constituiu, com efeito, um momento singular no conhecimento das espécies asiáticas. Ambos estavam imbuídos do mesmo espírito: conhecer e dar a conhecer a revelação das plantas. [Autor: Marília dos Santos Lopes, pp. 10-27]

### Imagens do Mundo Natural Asiático na Obra Botânica de Cristóvão da Costa

Ao longo do século XVI os europeus manifestam um crescente interesse pelo mundo natural exótico. Cristóvão da Costa (c.1530-c.1594), médico e cirurgião, publica em Burgos, em 1578, o *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales*. Baseando-se nos *Colóquios dos simples* de Garcia da Orta (Goa, 1563),

Costa descreve e ilustra o mundo natural asiático. Ao longo do seu livro, Cristóvão da Costa mostra novas plantas e refere as suas aplicações terapêuticas. O médico fala da experiência clínica adquirida nos hospitais do Oriente. Ao longo do *Tractado de las drogas*, Costa refere principalmente plantas de interesse medicinal. Reserva para as últimas páginas do volume um pequeno capítulo que designa “Tratado do Elefante”. Este texto, mais do que saber zoológico, parece reflectir a leitura que Costa faz da Índia. O *Tractado de las drogas* apresenta ilustrações desenhadas pelo médico como “testemunha de vista”. A pureza das linhas e o carácter esquemático das gravuras demonstram a despreensão com que Cristóvão da Costa olha o mundo natural da Ásia. Autor de outros textos nunca editados sobre a botânica e a riqueza mineral do Oriente, Costa publica em Veneza dois livros – *Tratado em loor de las mugeres* e *Tratado en contra y pro de la vida solitaria* – que reflectem o seu próprio percurso interior. [Autor: Teresa Nobre de Carvalho, pp. 28-39]

### Fontes e Organização da Secção Botânica do *Itinerário* (1596) de Jan Huygen van Linschoten

O *Itinerário*, escrito por Jan Huygen van Linschoten, contém uma extensa secção botânica, dedicada a frutos, árvores e plantas medicinais da Índia. A principal fonte escrita de todas estas informações foi a obra de Garcia da Orta, *Colóquios dos simples e drogas da Índia* (Goa, 1563). Sem mencionar a fonte, Linschoten traduziu e reorganizou partes extensas do livro e apresentou uma selecção de artigos divididos em quatro secções temáticas, organizando-os de acordo com a importância comercial e a utilização prática. O autor não tinha formação científica e não lia Latim, mas o seu letrado amigo Bernardus Paludanus forneceu informações botânicas e médicas complementares em anotações baseadas nas versões latinas da mesma obra de Garcia da Orta e da obra de Cristóvão da Costa, *Tractado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales* (Burgos, 1578),

ambas preparadas pelo famoso botânico Carolus Clusius. Escrita em holandês, a secção botânica do *Itinerário* popularizou a informação científica e proporcionou factos interessantes acerca da flora exótica indiana, apelando à curiosidade do leitor comum e fornecendo informações úteis e práticas para aqueles que se aprestavam a viajar para a Ásia no início da época da expansão holandesa. [Autor: Arie Pos, pp. 40-55]

### A Viagem a Goa do Médico de Henrique IV

O artigo tem por objecto a biografia e a apresentação de *Voyage en Éthiopie, Mozambique, Goa et autres lieux d’Afrique & des Indes Orientales* (1607-1610), que Jean Mocquet, boticário e naturalista do rei Henrique IV de França, realizou a bordo de um navio da “Carreira da Índia”. Esta, a quarta de uma série de viagens realizadas entre 1601 e 1614, que o levaram respectivamente às costas do Magrebe Atlântico, ao Maranhão e à Guiana, a Marrocos e à Terra Santa. Além de uma descrição surpreendente das condições de vida a bordo dos navios da “Carreira” no início do século XVII, o texto contém informações precisas sobre as doenças exóticas e as práticas médicas e sobre o embalsamamento de que Mocquet foi encarregado, à ida e à vinda do seu périplo, nas pessoas de dois vice-reis, o conde da Feira e André Furtado de Mendonça. [Autor: Dejanirah Couto, pp. 56-76]

### Naturalista Amador e Orientalista “Profissional”. Paulinus a S. Bartholomaeo em Kerala e Roma (Séculos XVIII e XIX)

Este ensaio tem por objectivo explorar a forma como a linha que separa um missionário estudioso e um erudito profissional de um conservador de um museu perto de Roma foi difícil de estabelecer na vida e obra de um Carmelita Descalço, Paulinus a Sancto Bartholomaeo (conhecido como Filip Vezdin), que foi enviado para a Índia pela Congregação da Propagação da Fé (*Propaganda Fide*) nos finais do século XVIII. Era um poliglota e um historiador

## RESUMOS

eclético e erudito, com interesses que iam da filologia à etnobotânica. No entanto, logo após o seu regresso da missão a Kerala, dedicou-se à pesquisa etnográfica e linguística, tornando-se num dos mais famosos escritores orientalistas do seu tempo em Itália e nos círculos católicos do sul da Europa. A opção de se tornar um orientalista “profissional” significou sacrificar os outros campos de conhecimento que tinha cultivado durante a sua estadia na Índia, como a sua paixão pela história natural, botânica, farmacologia e medicina. No entanto, é preciso ter em mente que, para Paulinus, o mundo natural estava inextricavelmente ligado à cultura e à linguagem. A compreensão do “sistema” do mundo natural na Índia era apenas um pequeno elemento no seu ambicioso projecto de apreender o “sistema bramânico”, a origem da história da Humanidade e, possivelmente, a lógica da Criação. Ele pertenceu à última geração de missionários católicos e orientalistas que ainda acreditavam na ligação intrínseca entre todo o conhecimento.  
[Autor: Ines G. Županov, pp. 77-101]

### O Comércio entre a Europa e a Ásia e a Utilização Medicinal da *Radix Chinae* no Início da Época Moderna (c. 1535-1800)

A *radix Chinae* ou raiz-da-China é uma substância medicinal actualmente pouco usada fora da Ásia. Reza a História que teve, no entanto, uma grande importância na farmacologia ocidental entre os séculos XVI e XVIII. A raiz-da-China era adquirida pelos mercadores europeus na Ásia e comercializada através das redes mercantis estabelecidas, que incluíam Macau, Malaca, Goa, Manila e Batávia. Uma das particularidades especiais da *radix Chinae* é que a sua introdução na farmacologia ocidental está bem documentada e as suas ligações à *materia medica* chinesa são incontestáveis. Existem paralelos evidentes entre a medicina oriental e ocidental na preparação de decoções e de delícias culinárias utilizando a *radix Chinae* durante o início da época moderna. A procura desta raiz aumentou significativamente a partir de meados do século XVI, após ter sido administrada com sucesso

ao Sacro Imperador Romano Carlos V no tratamento da gota. No entanto, os ecos de adesão provenientes de tão importante paciente foram criticados por personalidades influentes na área médica na Península Ibérica, Itália, França, Alemanha, entre outros países. A raiz-da-China” é, sobretudo, lembrada pelo papel que teve no alívio dos sintomas de vários problemas de pele e, em especial, no tratamento da sífilis.  
[Autor: Peter Borschberg, pp. 102-115]

### Sistemas Médicos Portugueses e Indiano. Aspectos Comuns e Superioridade no Início da Época Moderna

Uma análise das relações entre as práticas e os conhecimentos médicos portugueses e indianos, nos primeiros anos da época moderna, revela uma interessante dicotomia. Em algumas áreas deparamos com alguns aspectos comuns e intercâmbios, em outras é evidente que as práticas e os conhecimentos europeus começam a demonstrar a sua superioridade. Essas pequenas áreas de superioridade europeia aumentaram gradualmente durante o século XIX, levando ao triunfo da medicina ocidental em detrimento das práticas e conhecimentos tradicionais asiáticos. Em primeiro lugar, procurarei fazer uma pequena introdução da prática médica na Eurásia antes do século XVI, para, em seguida, apresentar um estudo mais centrado no estado da saúde na Índia da altura para, finalmente, me centrar sobretudo em Goa, nas doenças e respectivas curas praticadas. A segunda secção deste ensaio debruça-se sobre os primeiros sinais da superioridade europeia em relação aos sistemas indianos.  
[Autor: Michael Pearson, pp. 116-141]

### Comércio, Pesquisa e Ciência sob o Domínio dos Holandeses na Ásia

Em 1778, foi fundada a Sociedade Batávica de Belas-Artes e Ciências na Batávia; como tal, foi a sociedade intelectual europeia mais antiga na Ásia. Até então, os directores da VOC, a Companhia Holandesa das Índias Orientais, tinham mantido em segredo os seus conhecimentos sobre a Ásia.

Os conhecimentos de que a Companhia necessitava eram, sobretudo, de natureza prática. Havia muito pessoal da Companhia interessado na ciência e cultura e o ambiente asiático oferecia um vasto de leque de oportunidades para a recolha de colecções de curiosidades. A obra dos grandes colecionadores Hendrik Adriaan van Reede tot Drakenstein (1636-1692) e G. E. Rumphius (1627-1702) vai muito além dos objectivos práticos. Os religiosos publicaram descrições do Hinduísmo e fizeram traduções da Bíblia. Os sistemas jurídicos eram estudados para se poder dominar os assuntos asiáticos. O comércio, a ciência e a expansão europeia não podem ser analisados independentemente uns dos outros. O comércio proporcionou o estímulo para a importante expansão do conhecimento na Ásia. O padrão europeu funcionava como o ponto de referência na avaliação de todas as questões morais e religiosas. Este é, certamente, o caso dos “imperialistas” *avant la lettre*. A assimilação deste novo conhecimento ocorreu, sobretudo, na República Holandesa e no resto da Europa.  
[Autor: Jurrien van Goor, pp. 142-150]